

CARTOGRAFIA SENSÍVEL COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (ST14)

Luiza Dall’Bosco Tonial

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | E-mail: luizatonial@hotmail.com

Gabriela Pinho Mallmann

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | E-mail: gabrielapinhomallmann@gmail.com

Maria Eduarda Zimath Zanella

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | E-mail: mariaezzanella@gmail.com

Pedro Oscar Pizzetti Mariano

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | E-mail: pedro.pm@hotmail.com

Sessão Temática 14: Ensino, formação e prática em planejamento

Resumo: O planejamento urbano contemporâneo enfrenta o desafio de incorporar as dimensões subjetivas e sensoriais do espaço às análises técnicas tradicionais. Este artigo explora a cartografia sensível como ferramenta pedagógica e metodológica, com base em uma oficina realizada no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Durante a atividade, os participantes mapearam espaços livres, registrando sensações, percepções e interações. Os resultados mostram que a cartografia sensível é eficaz para revelar camadas subjetivas do espaço, contribuindo para um planejamento mais inclusivo e humanizado. Além disso, essa abordagem conecta vivências individuais às decisões de planejamento, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas urbanas, tornando-se importante também para ensino e prática profissional. Por fim, destaca-se a necessidade de direcionar as percepções coletadas em etapas futuras, para subsidiar diretrizes de projeto e planejamento de paisagens e espaços livres.

Palavras-chave: cartografia sensível; mapeamento sensível; ensino-aprendizagem; planejamento urbano; espaços livres.

SENSIBLE CARTOGRAPHY AS A TEACHING AND LEARNING TOOL IN ARCHITECTURE AND URBAN PLANNING

Abstract: Contemporary urban planning faces the challenge of incorporating subjective and sensory dimensions of space into traditional technical analyses. This article explores sensitive cartography as a pedagogical and methodological tool, based on a workshop conducted at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) campus. During the activity, participants mapped open spaces, recording sensations, perceptions, and interactions. The results show that sensitive cartography effectively reveals subjective layers of space, contributing to more inclusive and humanized planning. Furthermore, this approach connects individual experiences to planning decisions, enabling a deeper understanding of urban dynamics and proving valuable for education, research, and professional practice. Finally, the need to direct the collected perceptions in future stages is highlighted to support the development of project and landscape planning guidelines for open spaces.

Keywords: sensible cartography; sensitive mapping; teaching and learning; urban planning; open spaces.

CARTOGRAFÍA SENSIBLE COMO INSTRUMENTO DE FORMACIÓN EN ARQUITECTURA Y URBANISMO

Resumen: La planificación urbana contemporánea enfrenta el desafío de incorporar dimensiones subjetivas y sensoriales del espacio en los análisis técnicos tradicionales. Este artículo explora la cartografía sensible como herramienta pedagógica y metodológica, basada en un taller realizado en el campus de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC). Durante la actividad, los participantes mapearon espacios abiertos, registrando sensaciones, percepciones e interacciones. Los resultados muestran que la cartografía sensible revela eficazmente capas subjetivas del espacio, contribuyendo a una planificación más inclusiva y humanizada. Además, este enfoque conecta las experiencias individuales con las decisiones de planificación, permitiendo una comprensión más profunda de las dinámicas urbanas y demostrando ser valioso para la educación, la investigación y la práctica profesional. Finalmente, se destaca la necesidad de orientar las percepciones recopiladas en etapas futuras para apoyar el desarrollo de directrices de proyectos y planificación del paisaje para espacios abiertos.

Palabras clave: cartografía sensible; mapeo sensible; enseñanza-aprendizaje; planificación urbana; espacios libres.

INTRODUÇÃO

O planejamento urbano e regional no século XXI enfrenta desafios cada vez mais intensos e complexos, impulsionados pelas rápidas transformações sociais, econômicas, ambientais e tecnológicas. Esse fenômeno, particularmente visível nas metrópoles latino-americanas, têm se acentuado nas últimas décadas, trazendo impactos profundos que ainda não foram assimilados plenamente (Lacerda, 2013). Em um cenário marcado pela fragmentação socioespacial e pelo acúmulo de intervenções humanas sobre a natureza, torna-se imprescindível a formação de profissionais capacitados para enfrentar questões como a crise climática, a desigualdade socioespacial e a precariedade urbana, buscando construir cidades mais justas e sustentáveis.

Diante do contexto caótico e heterogêneo das cidades contemporâneas, Rocha *et al.* (2017) destacam a importância da utilização de métodos e abordagens que conectem a estrutura urbana às vivências sensíveis. À vista disso, a cartografia se apresenta não apenas como ferramenta de representação dos territórios, mas também como meio de interpretação e intervenção, revelando novas formas de compreender e atuar sobre o espaço urbano. Isto ocorre porque os mapas, enquanto abstrações do mundo construídas sob perspectivas específicas, além de representarem aspectos da realidade, produzem efeitos concretos que frequentemente refletem as próprias disputas territoriais (Acselrad; Coli, 2008). Assim, a cartografia deve ultrapassar dados ou procedimentos pré-determinados, promovendo um processo inventivo de coprodução e transformação, que simultaneamente mapeia, agencia e altera o próprio território (Garcia; Franzato, 2024).

Neste sentido, a cartografia sensível surge como uma abordagem que vai além do mapeamento tradicional ao integrar percepções, sensações e experiências subjetivas no processo cartográfico. Essa metodologia propõe um olhar que une conhecimentos científicos e saberes tradicionais, permitindo a representação das dimensões físicas, sociais, econômicas e ambientais do espaço urbano (Cunha; Antonello, 2024). Incorporando aspectos afetivos e simbólicos dos territórios, a cartografia sensível enriquece a leitura do espaço urbano, abrindo novas perspectivas para o planejamento e promovendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas das cidades contemporâneas.

Além disso, o mapeamento sensível é essencialmente um processo coletivo (Cunha; Antonello, 2024). O cartógrafo atua raramente de forma isolada, já que a participação de pessoas locais na elaboração dos mapas cria oportunidades para o compartilhamento de experiências e a construção de uma compreensão mais ampla dos desafios e oportunidades do território (Lieberman; Lima, 2015; Cunha; Antonello, 2024). Portanto, a cartografia sensível revela-se uma ferramenta essencial tanto na formação acadêmica quanto na prática do planejamento urbano, capacitando profissionais comprometidos com as demandas reais do território e oferecendo possibilidades para transformar a maneira de entender, projetar e intervir nas cidades, permitindo uma compreensão multidimensional do espaço urbano.

Considerando esse potencial, o presente artigo investiga a aplicação da cartografia sensível como ferramenta pedagógica e profissional no campo do planejamento urbano e regional. Busca-se compreender como essa metodologia pode ampliar o escopo do planejamento ao captar as camadas subjetivas do espaço urbano, fundamentais para interpretar suas características, demandas e problemáticas. Para isso, apresenta-se uma reflexão teórica sobre o tema, complementada pelos relatos de uma oficina realizada durante a Semana Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrada pelas autoras em outubro de 2024.

Por fim, o artigo reflete sobre o ensino e a prática do planejamento urbano, destacando os desafios contemporâneos que frequentemente afastam os indivíduos dos processos de decisão sobre o território. Discute-se como a cartografia sensível pode ser integrada ao ambiente educacional, tornando-se uma ferramenta estratégica para formar arquitetos e urbanistas mais preparados para lidar com as complexidades do espaço urbano. A abordagem é especialmente relevante para propor soluções transformadoras e contextualizadas que dialoguem com as realidades dos territórios do Sul Global, promovendo cidades mais inclusivas e sustentáveis.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo do tempo, o termo "cartografia" foi amplamente utilizado para designar a ciência que estuda a superfície terrestre, de forma gráfica e bidimensional, por meio da elaboração de mapas ou cartas (Duarte, 2006; Fonseca; Oliva, 2013). Contudo, atualmente, essa disciplina evoluiu para combinar arte, ciência e tecnologia, criando representações geoespaciais que não apenas descrevem, mas também analisam e comunicam informações sobre diferentes recortes espaciais (Meneguet, 2012). Nesse sentido, Rolnik (2011) descreve a cartografia como um "desenho contínuo" que acompanha e reflete as transformações da paisagem, evidenciando sua natureza dinâmica. Essa perspectiva dialoga com a abordagem metodológica de Deleuze e Guattari (1995), que concebem a cartografia como um processo experimental e subjetivo, distinto dos processos convencionais. Para os autores, a cartografia deve enfatizar os fluxos, as desterritorializações e reterritorializações que permeiam os espaços, reforçando sua multiplicidade e dinamicidade.

Entretanto, os mapas não apresentam um caráter neutro. Harley (1995) argumenta que, frequentemente, estes são utilizados como uma linguagem do poder, reforçando as estruturas dominantes em vez de contestá-las. Esta concepção revela os desafios para a consolidação de uma "cartografia popular", que democratize o acesso à informação e a transforme em um instrumento de ação política e social. Neste contexto, a cartografia social emerge como uma alternativa em consolidação no Brasil, representando uma ferramenta importante para a resolução de conflitos diversos, incluindo disputas pelo uso de recursos naturais e questões socioambientais (Souto, 2021).

Esse tipo de mapeamento destaca-se pela inclusão de grupos vulneráveis, que enfrentam muitas vezes desigualdades de poder político e econômico em comparação a outros atores (Acselrad, 2010). Desta forma, a criação de documentos cartográficos participativos permite que as comunidades menos favorecidas expressem suas perspectivas, reivindicações e preocupações, fortalecendo sua atuação social e política, assim como fornece uma visão mais ampliada das dinâmicas locais sejam estas de caráter ambiental, social ou econômico (Cunha; Antonello, 2024). Logo, enquanto uma abordagem participativa de mapeamento, a cartografia social vem sendo amplamente empregada em projetos de zoneamento territorial, delimitação de Unidades de Conservação e diagnósticos socioambientais, integrando a participação comunitária aos processos de decisão (Souto, 2021) e avançando na construção de soluções mais justas e inclusivas (Cunha; Antonello, 2024).

Além disso, a cartografia social se distingue também pela construção cartográfica coletiva, orientada pelo conhecimento local e pelos vínculos culturais e socioambientais das comunidades com seus territórios (Araújo; Carpi Junior; Oliveira, 2021). Esse tipo de mapeamento, ao ser realizado com a participação de grupos historicamente excluídos, fortalece não apenas a identidade territorial dessas populações, mas também fornece uma base para uma gestão mais justa e consciente dos recursos locais (Acselrad, 2010). Por consequência, é possível reverter a lógica de dominação, ao transformar o mapa em um instrumento de empoderamento comunitário, permitindo que esses grupos expressem suas perspectivas e reivindiquem seus direitos na cidade. No entanto, para o processo ser verdadeiramente representativo, deve ser conduzido de forma colaborativa entre participantes e pesquisadores, sendo motivado pelos interesses da comunidade e não por imposições externas (Santos, 2016; Almeida, 2010). Nesse sentido, a cartografia social amplia as possibilidades de participação ativa das comunidades em processos de planejamento e políticas urbanas, ao mesmo tempo, em que promove uma troca de saberes entre os diversos atores sociais envolvidos.

Em processos de ensino-aprendizagem, a cartografia social pode ser considerada um método participativo que permite o diálogo em sala de aula entre discentes e docentes, possibilitando múltiplas formas de expressão e representação do local estudado (Gomes, 2017). Nesse cenário, Libâneo (2005) enfatiza que a educação é um processo abrangente e multifacetado, que vai além da mera transmissão de conhecimento. Assim, engloba todas as influências, ações e estruturas que contribuem para o desenvolvimento integral dos indivíduos e dos grupos em interação com o meio ambiente e a sociedade em que estão inseridos. Isso significa que a educação não ocorre isoladamente, mas é profundamente conectada ao contexto social, cultural, natural e histórico. Isso reflete-se no uso da cartografia como uma ferramenta pedagógica.

No contexto educacional, a cartografia social possibilita que os participantes construam conhecimentos colaborativamente, conectando suas vivências e saberes locais a conteúdos territoriais e sociais (Silva; Galdino, 2021). Entretanto, a cartografia social, em sua essência,

tende a ultrapassar a esfera acadêmica e desdobrar-se em práticas políticas mais complexas, nas quais as prioridades de mapeamento são reivindicadas e definidas por meio de mobilizações de povos e comunidades excluídos pelos mapeamentos oficiais (Almeida, 2013). Embora os estudantes possam e devam, ao longo de sua formação, se engajar ativamente nesses movimentos e participar desses processos, o presente trabalho opta por adotar o termo “cartografia sensível”, com as devidas considerações, para destacar a relevância dos princípios difundidos pelas cartografias sociais, enquanto uma prática de mapeamento coletiva, que tem em vista amplificar a representação ampliada do conhecimento cartográfico ao integrar as experiências comunitárias, com o objetivo de fomentar uma transformação estrutural e uma construção mais inclusiva do território.

Portanto, a cartografia sensível surge como uma abordagem complementar, que transcende o mapeamento tradicional e social ao incorporar as percepções, sensações e experiências dos indivíduos no processo de representação espacial. Essa metodologia valoriza as subjetividades, promovendo uma leitura do território que vai além de dados físicos e objetivos, englobando aspectos imateriais, como memórias, emoções e relações simbólicas entre os habitantes e os lugares que ocupam (Rocha *et al.*, 2017). Rolnik (2011) foi uma das pioneiras no desenvolvimento da cartografia afetiva, conceito que coloca a subjetividade, os afetos e as intensidades no centro do mapeamento. Para a autora, o mapeamento sensível pode capturar forças invisíveis, desejos e emoções que moldam nossa relação com o território, sendo uma abordagem essencial para entender as interações humanas com o espaço urbano em profundidade.

No contexto urbano, as cartografias sensíveis se assemelham às psicogeografias espaciais, capturando o impacto emocional e subjetivo que os espaços exercem sobre as pessoas (Rocha *et al.*, 2017). No campo da cartografia urbana, o objetivo da cartografia sensível é revisitar o invisível, incorporando esses elementos subjetivos ao processo de projeto e ao planejamento urbano (Rocha *et al.*, 2017). Esta perspectiva é fundamental para compreender a cartografia sensível como uma ferramenta que revela as relações humanas com o espaço urbano em suas dimensões mais profundas e complexas.

Ao valorizar a expressão da realidade vivenciada pelos alunos, essa prática estimula não apenas o aprendizado técnico, mas também o desenvolvimento de uma compreensão crítica e contextualizada da realidade (Callai, 2003; Conceição *et al.*, 2019; Gomes, 2017). Dessa maneira, a cartografia torna-se uma ferramenta de ensino-aprendizagem que integra teoria e prática, fortalecendo o papel da educação na transformação de indivíduos e na construção coletiva de saberes. Além disso, a abordagem permite capturar as dinâmicas, sensações e experiências que emergem em um espaço, tornando a cartografia um instrumento não apenas técnico, mas também reflexivo e sensível, capaz de explorar aspectos das relações humanas e da transformação dos territórios (Lieberman; Lima, 2015).

Logo, paralelamente à abordagem sobre cartografia social, a cartografia sensível pode ser utilizada como ferramenta pedagógica, permitindo que os alunos desenvolvam uma leitura

mais aprofundada do território em que vivem e circulam. Exemplos disso incluem a análise de trajetos cotidianos, como o percurso de casa até a universidade, ou o acesso a diferentes espaços no campus, como o restaurante universitário, o centro esportivo e outros serviços. Além disso, essa abordagem aproxima os estudantes dos recortes territoriais explorados em disciplinas de planejamento urbano e projeto arquitetônico, estimulando discussões críticas e contextualizadas.

Nesse sentido, a cartografia sensível é apresentada como um instrumento para fomentar debates em sala de aula e formar técnicos capacitados a atuar em colaboração com comunidades locais em processos de planejamento participativo. Ao compreender o espaço urbano para além de seus elementos físicos, os alunos desenvolvem a sensibilidade necessária para perceber como os usos e práticas dos habitantes moldam o território (Rocha *et al.*, 2017). Essa perspectiva é reforçada por Rocha *et al.* (2017), que destacam que a imersão do pesquisador, arquiteto ou urbanista no território permite uma aproximação mais profunda com a realidade vivida. Essa vivência amplia a compreensão do espaço urbano ao incorporar elementos sensoriais e subjetivos, resultando em projetos mais inclusivos, sensíveis e representativos das complexas realidades urbanas contemporâneas.

OFICINA DE CARTOGRAFIA SENSÍVEL

A oficina de cartografia sensível foi desenvolvida no âmbito da Semana Acadêmica do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (SEMANARQ 2024 — SOBRE:VIVÊNCIAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no mês de outubro de 2024. A atividade, realizada em uma única tarde (das 14h às 18h), foi conduzida por alunas do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da UFSC, e contou com a participação de alunas do curso de graduação.

No primeiro momento, houve a apresentação teórica dos conceitos centrais da cartografia sensível, esclarecendo sua definição, objetivos e as diversas formas de aplicação. Também foram abordados os princípios deste tipo de mapeamento, como a valorização das percepções subjetivas e a integração de diferentes formas de expressão, e as técnicas de elaboração de mapas sensíveis. Isto é, buscou-se contextualizar o papel da cartografia sensível no planejamento contemporâneo, demonstrando como ela pode captar vivências e percepções das pessoas nos espaços urbanos.

Para enriquecer a compreensão da temática, exemplos práticos, com diferentes abordagens e ferramentas de representação, foram apresentados. Estes foram utilizados para ilustrar como a cartografia sensível pode ser aplicada em diversas escalas, temas e contextos, proporcionando aos participantes uma visão integrada das possibilidades que a metodologia pode oferecer quando aplicada ao planejamento do espaço urbano e, principalmente, dos espaços livres. Isto é, dos espaços não contidos entre os tetos e paredes das edificações, que compõem as cidades contemporâneas na forma de parques, praças, ruas e demais espaços abertos (Macedo, 1995).

Em seguida, as participantes foram convidadas a sair ao ar livre para colocar em prática os conhecimentos adquiridos sobre a produção de mapas sensíveis. A atividade foi projetada para proporcionar uma experiência imersiva e prática, de modo que cada participante pudesse explorar livremente o campus da UFSC em Florianópolis, Santa Catarina. As instruções para esta etapa foram claras e direcionadas à valorização das percepções individuais e das interações cotidianas com o espaço, onde as participantes foram instruídas a mapear seu trajeto pelos espaços livres da universidade, com o seguinte conjunto de orientações:

- 1) Partindo da sala de aula onde estava sendo ministrada a atividade, situada no bloco de Arquitetura e Urbanismo, cada participante deve andar livremente pelos espaços abertos do campus, registrando tanto as características físicas do ambiente quanto suas percepções subjetivas ao longo do percurso.
- 2) Para guiar esta atividade, sugere-se a observação de quatro aspectos:
 - a) *interações, atividades e usos*: observar como as pessoas utilizam os espaços, suas interações com o ambiente e com outros indivíduos, bem como os diferentes tipos de atividades;
 - b) *sensações, afetos e emoções*: registrar as sensações que surgirem durante o trajeto, como bem-estar, segurança ou desconforto, além dos afetos e emoções despertados pelos diferentes ambientes;
 - c) *elementos físicos, caminhos e ambientes*: mapear os elementos físicos visíveis percebidos ao longo do caminho, como a vegetação, os edifícios e o mobiliário urbano, além da configuração espacial e dos espaços livres percorridos, criando uma visão mais tangível do espaço;
 - d) *memórias, vivências e experiências*: refletir sobre memórias e experiências pessoais relacionadas a esses espaços, conectando o ambiente às vivências anteriores ou aos significados que eles carregam.
- 3) As percepções podem ser representadas livremente, de modo que cada participante expresse suas percepções de maneira única, seja por meio de descrições textuais ou representações gráficas. Os registros podem incluir diferentes símbolos, ícones ou cores para transmitir as sensações, memórias ou observações físicas.

Para este momento prático, as participantes receberam folhas sulfite em branco e materiais de escrita e desenho para registrar suas percepções durante a atividade de mapeamento, permitindo, assim, que cada participante representasse livremente os elementos e sensações observadas ao longo do percurso. Esta expressão de caráter aberto buscava captar a singularidade das diferentes relações com o espaço, transformando o mapa resultante não apenas em um registro visual, mas também em uma leitura afetiva e sensorial do campus.

A atividade de mapeamento teve uma duração de, aproximadamente, 1 hora. Ao final desse período de tempo, as participantes retornaram à sala de aula para um momento de troca e

reflexão coletiva sobre as experiências vividas e as impressões captadas durante o exercício de cartografia sensível. Após a partilha das experiências individuais, com uma breve apresentação dos experimentos realizados, deu-se início a uma etapa coletiva (Figura 1).

Figura 1: Atividade de construção do mapa coletivo com a síntese das impressões das participantes



Fonte: os autores (2024).

Utilizando uma folha maior, também em branco, as participantes colaboraram na construção de um mapa síntese, onde foram desenhados os trajetos percorridos, os espaços visitados, as atividades identificadas e as diversas percepções obtidas ao longo da caminhada. O mapa coletivo serviu para reunir as vivências de todos os participantes, conectando suas observações individuais em uma única representação que demonstra os diferentes usos, sensações, vivências e interações com os espaços livres da UFSC. Logo, a etapa colaborativa

permitiu que o grupo refletisse sobre as múltiplas dimensões e significados dos espaços da universidade. Além de auxiliar no entendimento para definir oportunidades e necessidades relacionadas ao planejamento dos espaços livres do campus.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A oficina de cartografia sensível revelou um conjunto de percepções e interpretações sobre os espaços livres da Universidade Federal de Santa Catarina, evidenciando experiências diversas relacionadas aos ambientes explorados e aos trajetos percorridos pelas participantes. A Figura 2 apresenta os mapas sensíveis produzidos de maneira individual durante a atividade de caminhar e cartografar pelo campus.

Figura 2: Exemplos de mapeamentos sensíveis dos trajetos percorridos pelos espaços livres da UFSC



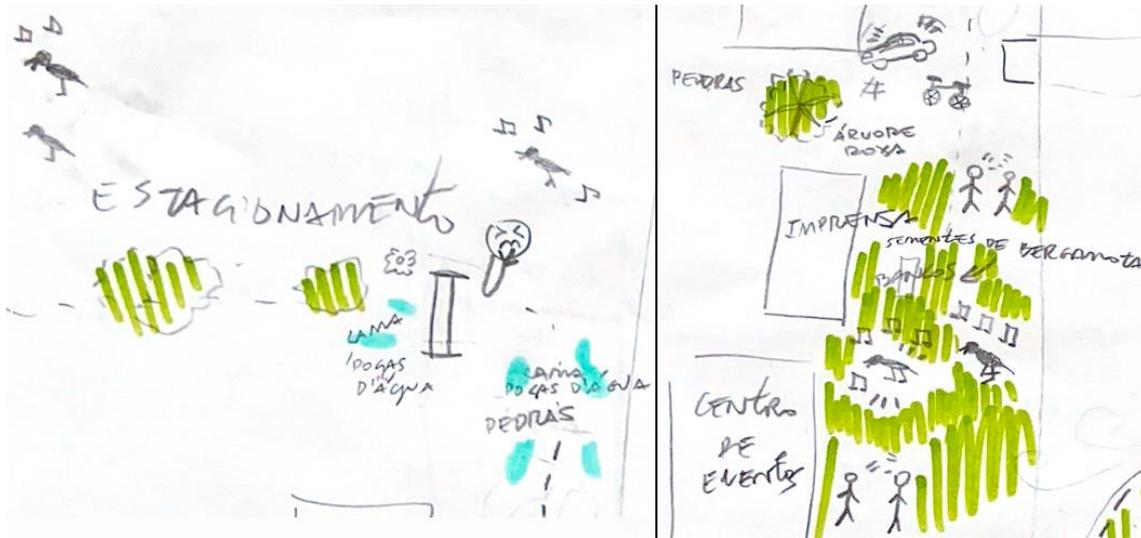
Nota: a figura reúne as cartografias sensíveis produzidas por participantes da oficina durante a atividade de caminhar e cartografar pela universidade.

Fonte: os autores (2024).

No trajeto, as participantes utilizaram diversas formas de representação para traduzir suas percepções sensoriais e os elementos observados no percurso. Em relação às percepções

olfativas e sonoras, estas foram frequentemente registradas por meio de onomatopeias, para expressar de maneira imediata e intuitiva os estímulos captados. No caso das percepções olfativas, destacou-se o cheiro característico do rio como tema central nas discussões. Já nas percepções sonoras, os barulhos de automóveis, o canto de pássaros e os sons produzidos pelas conversas em grupo foram registrados de forma espontânea. Para a tradução desses estímulos nas cartografias desenvolvidas, utilizaram-se de representações visuais que, por sua vez, abrangem uma diversidade de linguagens, incluindo palavras, emojis e ícones, utilizados para ressaltar os principais elementos observados na paisagem (Figura 3). Essa variedade de recursos evidencia tanto a tentativa de traduzir a complexidade do espaço urbano quanto às dificuldades enfrentadas ao representar aspectos tridimensionais ou dinâmicos em mapas bidimensionais. Essa multiplicidade de linguagens não apenas reflete a subjetividade de cada participante, mas também enriquece a interpretação coletiva do espaço.

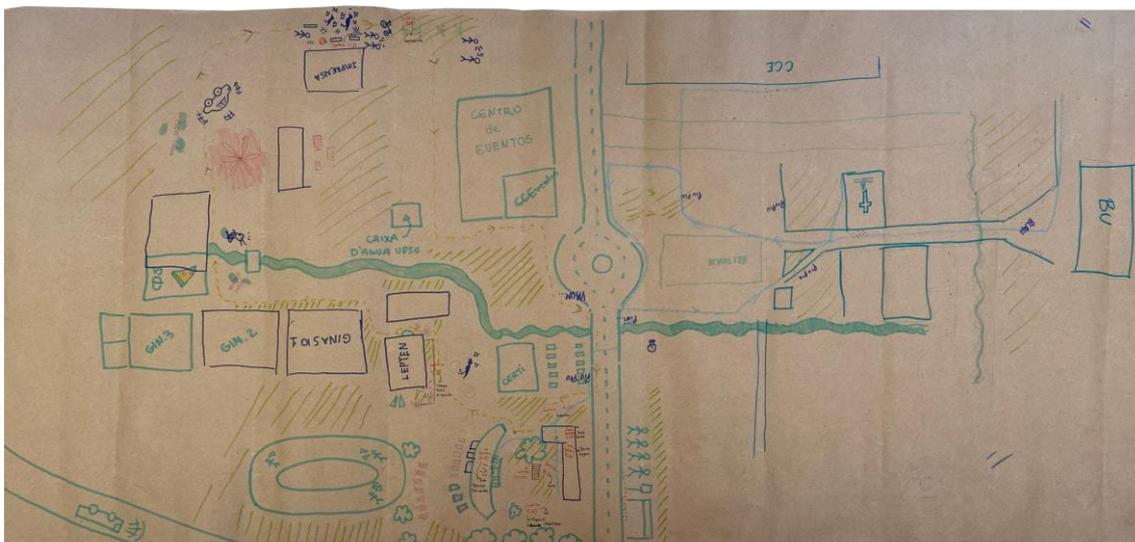
Figura 3: Exemplos de representações gráficas utilizadas pelas participantes na composição dos mapas



Fonte: os autores (2024).

Em seguida, apresentam-se as discussões coletivas realizadas no momento de construção do mapa síntese (Figura 4), que combinava as percepções das diferentes participantes. Para a elaboração do mapa, o grupo iniciou com a representação do bloco do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, local onde a oficina foi realizada e ponto de partida da atividade, além de identificar a via principal de acesso à edificação. A partir deste ponto de referência, cada participante dedicou-se a retratar os elementos encontrados ao longo do caminho, a iniciar pelos aspectos físicos do espaço. Posteriormente, com estes elementos considerados estruturais já representados, as participantes acrescentaram suas percepções individuais e subjetivas que marcaram a experiência de cartografar.

Figura 4: Mapeamento coletivo com a síntese dos mapas desenvolvidos pelas participantes



Nota: a figura reúne o mapa síntese, desenvolvido coletivamente pelas participantes da oficina no momento de discussão e compartilhamento de experiências.

Fonte: os autores (2024).

TRAJETOS E PERCEPÇÕES

As percepções sensoriais, entendidas como uma combinação de diferentes sentidos para o reconhecimento de estímulos externos, incluindo intuições, imagens, representações e ideias (Kuhnen; Higuchi, 2011), desempenharam um papel central no desenvolvimento das cartografias sensíveis elaboradas durante a oficina, com as participantes explorando aspectos variados do ambiente ao longo da atividade. Essa abordagem permitiu que cada participante escolhesse seus próprios trajetos (demarcados na Figura 5), resultando em percursos que refletiam suas perspectivas individuais sobre o espaço. No entanto, verificou-se que diversas pessoas optaram por caminhar em grupos, o que também promoveu uma troca de percepções e vivências durante a atividade inicial.

O primeiro percurso, demarcado na Figura 5 com a cor laranja, foi realizado coletivamente. Uma das participantes, que possuía maior familiaridade com o trajeto, guiou as colegas até alguns espaços livres da universidade que acreditavam serem pouco conhecidos pelas demais, mas que marcaram sua rotina ao longo dos últimos anos. Esse tipo de percurso, quando retratado por quem o vivencia com maior frequência, refletiu não apenas a interação física com o campus, mas também as memórias afetivas e os vínculos emocionais estabelecidos com o lugar.

Contudo, em um mesmo caminho, as percepções variaram entre as participantes. Algumas priorizaram os aspectos sensoriais, registrando cheiros, sons e a paisagem circundante. Cheiros desagradáveis, por exemplo, surgiram ao passarem por córregos e rios, enquanto barulhos de carros e o burburinho de pessoas conversando foram escutados próximos a espaços de circulação e de edificações. Já em diferentes trechos do trajeto, que possuíam uma maior presença de árvores, cantos de pássaros foram identificados e registrados. Essas percepções adicionaram camadas de entendimento que não estariam presentes em um

mapeamento puramente físico, enriquecendo-o. Ao passo que outra participante focou especificamente nos espaços gramados como locais de descanso, mapeando-os por meio de atributos como texturas, insolação, sons e sensações relacionadas ao ambiente.

Figura 5: Síntese dos trajetos percorridos pelas participantes ao longo da oficina



Nota: a figura apresenta uma imagem aérea de parte do campus da UFSC em Florianópolis/SC sobre a qual foram demarcados com elementos lineares, nas cores amarelo e laranja, os trajetos realizados pelas participantes ao longo da oficina, partindo do bloco de Arquitetura e Urbanismo (A).
Fonte: os autores (2024).

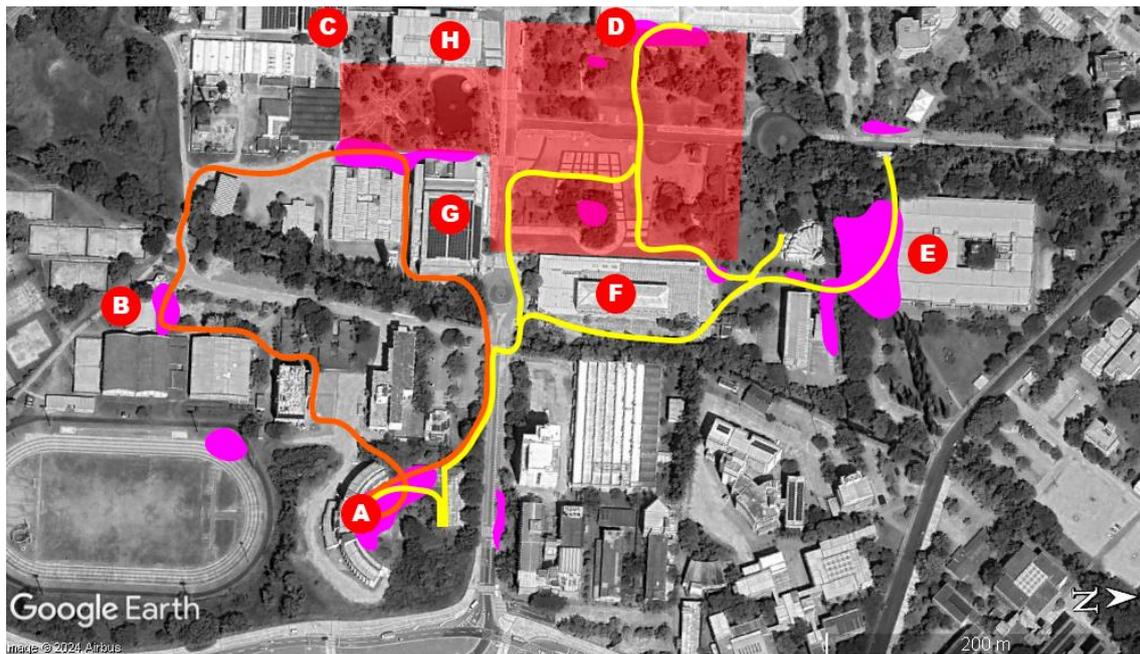
A escolha por estes espaços evidenciou a relação entre conforto, segurança e preferência individual, reforçando a importância das dimensões emocionais na construção de mapas sensíveis. Além disso, o mapeamento incorporou as infraestruturas que favorecem a permanência e o descanso, como mobiliários, por exemplo. Assim, os mapas físicos tradicionais limitam características essenciais para o entendimento do território, por ignorarem aspectos subjetivos, como afetos, sensações e singularidades dos trajetos, os quais podem ser incorporados por mapas e cartografias sensíveis, que valorizam a deriva, a observação e a experiência corporal no ambiente (Rocha; Rezende, 2016).

Por outro lado, outra participante destacou-se por escolher um caminho baseado na circulação de pessoas pela universidade, destacado com a cor amarela nas Figuras 4 e 5. Isto é, para delimitação do trajeto a ser percorrido, a participante observou o movimento das pessoas pelo campus, seguindo o fluxo pelo caminho de maior movimento no período do mapeamento, resultando em um percurso não linear, com idas e voltas ao longo desse. Deste modo, o foco não estava necessariamente em questões sensoriais, mas nas atividades realizadas, nas vivências e nas características do espaço. Assim, a participante mapeou o caminho e as interações, registrando ainda os momentos em que parou para conversar com outras pessoas, desenhar ou descansar, inserindo-se ativamente no processo de

mapeamento. Com isso, o mapa não se limitou a elementos físicos, mas também incluiu as atividades humanas e a sociabilidade do espaço frequentado cotidianamente.

Esta participante também observou como as pessoas procuravam lugares sombreados, mesmo em momentos de clima nublado, evidenciando como os espaços livres são utilizados conforme as condições ambientais. Além disso, identificando os locais com maior reunião e permanência de pessoas (destacado pelas manchas de cor rosa na Figura 6), ela conseguiu traçar um panorama da ocupação dos espaços livres e suas dinâmicas de uso.

Figura 6: Síntese das percepções das participantes em relação à circulação e permanência de pessoas



Nota: a figura apresenta uma imagem aérea de parte do campus da UFSC em Florianópolis/SC sobre a qual foram demarcados os trajetos percorridos pelas participantes (em amarelo e laranja), os principais blocos identificados (com letras de A a H), os locais de reunião de pessoas (com manchas na cor rosa) e os espaços livres centrais do campus (com a cor vermelha).

Fonte: os autores (2024).

Associando estas informações coletadas com as percepções das participantes que realizaram o outro trajeto, verificou-se que no momento da caminhada os principais espaços livres utilizados estavam associados às edificações utilizadas pelos estudantes do campus, demarcadas com letras de A a H. O entorno da edificação da Biblioteca Universitária (E), por exemplo, concentrava o maior número de pessoas, descansando e conversando em espaços arborizados. O bloco de Arquitetura e Urbanismo também concentrava algumas pessoas, que ocupavam as arquibancadas e os espaços arborizados em torno da edificação.

Em contrapartida, os espaços livres centrais da universidade, como a Praça da Cidadania (entre edificações F e D) e as áreas situadas entre o Restaurante Universitário (C), o Centro de Cultura e Eventos (G) e o Centro de Convivência (H), demarcados em vermelho na Figura 6, que comumente reúnem muitas pessoas encontravam-se mais vazios durante o mapeamento. Este cenário pode ser explicado tanto pelo horário em que a prática ocorreu quanto pela funcionalidade e infraestrutura desses locais, que possuem,

predominantemente, um uso voltado à circulação, exceto em ocasiões específicas, como eventos ou atividades programadas. Apesar de serem espaços projetados para o encontro e a convivência, sua apropriação parece limitada em determinados contextos.

Neste sentido, a observação realizada pelas participantes durante a oficina conecta-se ao pensamento de Jane Jacobs (2007), que defende a importância de "observar mais de perto, com o mínimo de expectativa possível, as cenas e os acontecimentos mais comuns, tentar entender o que significam e ver se surgem explicações entre eles" (2007, p. 12). Essa abordagem permitiu que as participantes compreendessem a discrepância entre o que foi projetado para estes espaços e os usos que efetivamente ocorrem. Assim, a vivência e o registro das percepções em campo proporcionam aos estudantes uma leitura mais profunda das dinâmicas humanas, revelando as interações espontâneas, os vazios de uso e os conflitos latentes no espaço urbano. Portanto, a cartografia sensível torna-se uma ferramenta pedagógica que não apenas amplia a compreensão do território, mas também contribui para o desenvolvimento de propostas que promovam espaços livres, mais inclusivos, dinâmicos e com maior urbanidade. Isto é, espaços públicos com qualidade para acolher e convidar muitas diferentes pessoas a compartilharem o mesmo espaço físico, mesmo sem interação direta, promovendo espaços livres onde exista vida entre os edifícios, isto é, a vida pública (Gehl, 2006; Tenório, 2012).

Durante a discussão, as participantes refletiram também sobre os percursos realizados ao longo da atividade, observando que, na maior parte do trajeto, optaram por transitar por espaços destinados exclusivamente a pedestres. Estas rotas, frequentemente, oferecem uma maior sensação de segurança e conforto ao caminhar, devido à ausência do tráfego de veículos e à redução de ruídos, criando um ambiente mais favorável para interações sociais e conexão direta com o espaço. Ademais, notou-se que um grupo de participantes utilizou, intuitivamente, caminhos informais em alguns trechos. Todavia, durante a atividade, estes trajetos receberam maior atenção, passando de elementos corriqueiros a pontos de reflexão sobre as dinâmicas espaciais.

Neste ponto, é possível destacar a relação entre experiência vivida e construção de conhecimento. Essa dinâmica pode ser compreendida à luz de Libâneo (2005), que define a educação como um processo de interação ativa entre indivíduos e seu meio, no qual conhecimentos e práticas são construídos de forma contextualizada e coletiva. Nesse processo, como enfatizam Conceição *et al.* (2019), é fundamental conhecer o lugar em que estamos inseridos como parte do caminho para promover um envolvimento significativo com a realidade local. Em outras palavras, os autores defendem que o conhecimento crítico e aprofundado do espaço que habitamos é indispensável para transformá-lo conscientemente, buscando melhorias que favoreçam o bem-estar coletivo.

Ao conectarem suas percepções sobre segurança, conforto e dinâmicas espaciais com elementos do território, as participantes não apenas aprendem sobre o espaço urbano, mas também desenvolvem uma consciência crítica e integrada da realidade em que estão

inseridas. Nesse sentido, o mapeamento sensível se torna uma prática pedagógica que articula saberes formais e vivenciais, promovendo uma educação que transforma a relação dos indivíduos com o espaço. Além disso, essa prática incentiva o engajamento com os desafios locais, favorecendo o desenvolvimento de estratégias coletivas para enfrentar questões sociais e urbanas de maneira crítica, reflexiva e contextualizada.

ELEMENTOS FÍSICOS E ESPAÇOS LIVRES

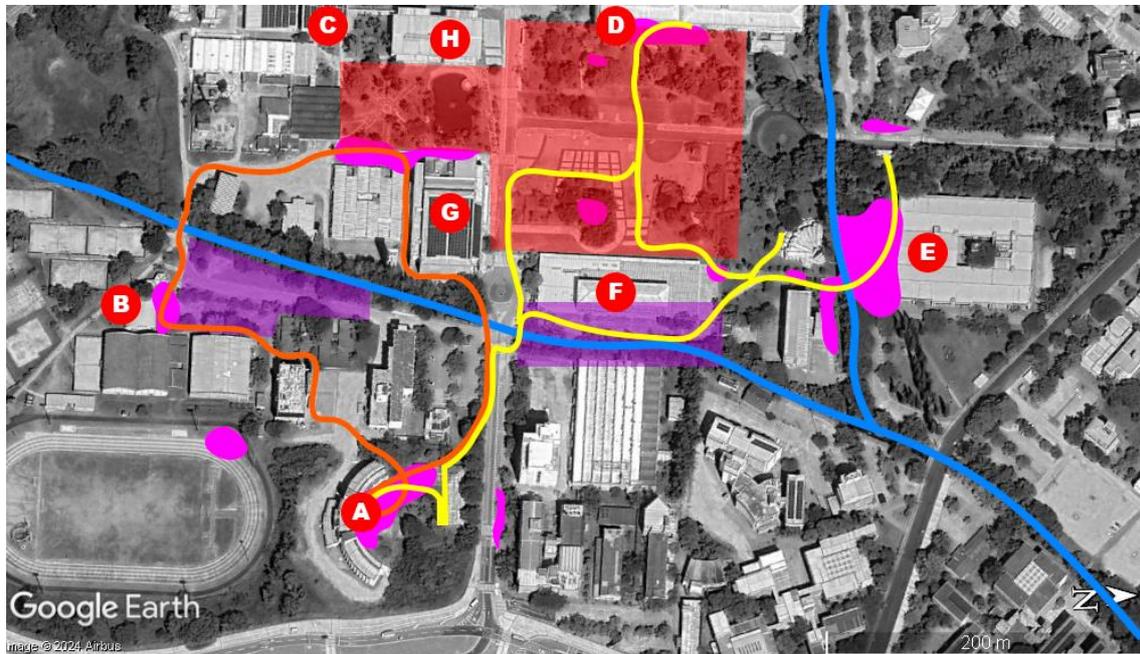
Durante a atividade de mapeamento sensível, constatou-se que as participantes caminharam por diversos espaços livres da universidade, como praças, gramados e áreas de circulação. Contudo, ao retratar estes espaços em seus mapas individuais, houve uma tendência a interpretar os espaços livres principalmente como áreas verdes, utilizando tanto da cor verde quanto da simbologia de árvores para representar estes locais. Esta percepção foi reforçada no momento seguinte, durante a construção do mapa coletivo, quando uma das participantes observou o mapa produzido por uma colega (que continha as características supracitadas) e perguntou se as participantes não gostariam de demarcar os espaços livres também no mapa coletivo. E, na sequência, algumas áreas verdes foram pintadas ao redor de caminhos, ruas e edificações que já estavam mapeadas. Neste contexto, notou-se que, embora os percursos e caminhos pavimentados também façam parte dos espaços livres do campus, estes foram desenhados apenas como base de localização, servindo para identificar os trajetos percorridos e orientar o posicionamento das áreas verdes e das edificações.

Outro recurso utilizado pelas participantes, principalmente como um elemento de localização e orientação das representações, foi o rio. Embora cercado por vegetação em muitos trechos, o rio não é compreendido como um espaço de apropriação ou permanência integrado ao cotidiano da universidade. Desta forma, este não foi mapeado como um espaço livre visitado pelas participantes, mas associado a aspectos negativos, como sujeira e mau cheiro. A falta de cuidado e planejamento de suas margens, desestimula a interação com a paisagem e os recursos naturais, reduzindo o potencial de permanência neste espaço. Além disso, a presença de estacionamentos em seu entorno (destacados em roxo na Figura 7), junto às margens artificializadas e canalizadas agravam o cenário de desvalorização e subutilização dos elementos naturais.

Ainda que esta paisagem esteja presente no dia a dia das estudantes, elas relatam que o rio, geralmente, passa despercebido, não sendo visualizado nem integrado à sua rotina. Neste sentido, a atividade proposta pela oficina teve um impacto significativo na percepção das participantes sobre os elementos físicos do campus, bem como das relações e práticas que nele ocorrem, mesmo que já estivessem familiarizadas com o espaço. Esta experiência reforça também a importância de trabalhar, no processo de ensino, a integração dos elementos naturais aos espaços livres, incentivando uma leitura crítica do território. Ao aprofundar a compreensão das dinâmicas espaciais e dos desafios associados a estas, a oficina promoveu um aprendizado que vai além de questões técnicas, abrangendo as dimensões sensíveis e socioambientais do espaço. Tais percepções, quando relacionadas ao

planejamento e qualificação dos espaços livres da universidade, evidenciam a necessidade de conectar mais efetivamente os elementos naturais, como rios e suas margens, com seu contexto, transformando-os em espaços adequados para convivência e uso cotidiano.

Figura 7: Síntese das percepções das participantes em relação aos espaços livres da universidade



Nota: a figura apresenta uma imagem aérea de parte do campus da UFSC em Florianópolis/SC sobre a qual foram demarcados os trajetos percorridos pelas participantes (em amarelo e laranja), os principais blocos identificados (com letras de A a H), os locais de reunião de pessoas (com manchas na cor rosa), os espaços livres centrais do campus (com a cor vermelha), os rios (em azul) e os estacionamentos ao redor de suas margens (em roxo)
Fonte: os autores (2024).

Isto porque os espaços livres públicos devem desempenhar um papel fundamental na promoção da qualidade do espaço urbano, seja este de vivência, de contemplação, de lazer, de circulação, de interação com a natureza ou de conservação desta (Macedo, 1995). Durante a atividade de mapeamento sensível, foi possível identificar não apenas as qualidades desses espaços presentes no campus da UFSC, mas também seus problemas físicos e estruturais. Neste sentido, outro ponto a ser destacado, nos trajetos percorridos, foi a precarização das calçadas na universidade, dificultando o deslocamento de pedestres. Uma das participantes destacou a presença de poças d'água, lama e pedras nos caminhos, além da ausência de condições mínimas de acessibilidade. Esses elementos não apenas comprometem o uso pleno dos espaços livres, mas também reforçam a importância de projetá-los e mantê-los para integrar as dimensões física, ambiental e social, valorizando a conectividade entre as áreas verdes, os caminhos e os usuários. Assim, a observação crítica desses espaços revelou tanto suas potencialidades quanto os desafios para torná-los mais inclusivos e funcionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências relatadas durante a oficina demonstraram o potencial da cartografia sensível para integrar os indivíduos na análise crítica do espaço, a partir de suas próprias percepções.

Essa abordagem, ao oferecer autonomia aos participantes para percorrerem e perceberem os espaços sem instruções rígidas, revelou a importância de se considerar as dimensões subjetivas e sensoriais no planejamento urbano. As participantes da atividade compreenderam que suas percepções pessoais podem orientar ações e diretrizes voltadas à qualificação dos espaços livres.

Desta maneira, a oficina proporcionou um conjunto diversificado de interpretações sobre os espaços livres da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), conectando experiências individuais ao planejamento e à gestão territorial. As reflexões emergentes reforçam a relevância de integrar dimensões subjetivas e sensoriais no ensino, promovendo um aprendizado crítico que valoriza tanto os elementos naturais quanto o ambiente construído. Essa prática pedagógica evidencia a potencialidade da cartografia sensível em contribuir para uma compreensão mais integrada do território e do papel que ele desempenha na vida cotidiana.

Os resultados indicam que a cartografia sensível foi uma importante ferramenta para capturar as diferentes dimensões dos espaços livres do campus da UFSC. Ao permitir que os participantes mapeassem não apenas os aspectos físicos dos espaços, mas também suas sensações, emoções e interações, neste ponto, a oficina revelou novas camadas de entendimento sobre como os espaços livres são percebidos e utilizados. Com isso, a abordagem revelou novas camadas de entendimento sobre como os espaços livres são percebidos e utilizados, o que é essencial para um planejamento urbano mais inclusivo e alinhado às demandas sociais e ambientais.

Além disso, a produção de narrativas e visualizações sensíveis durante a oficina gerou material valioso para reflexão, indicando como o conhecimento prático e empírico pode enriquecer teorias e métodos em planejamento urbano. Essa conexão entre vivências individuais e decisões de planejamento reforça a necessidade de práticas urbanas mais humanizadas, que considerem as experiências reais de quem vivencia o território.

Em contrapartida, essas percepções ainda precisam ser aprofundadas em etapas futuras, com o objetivo de identificar consensos e dissensos, além de compreender como cada informação e análise espacializada pode contribuir para a leitura do território e para a elaboração de diretrizes voltadas ao planejamento da paisagem e dos espaços livres. Nesse contexto, a cartografia sensível poderia ser complementada por outras metodologias participativas, como a cartografia social, ampliando as possibilidades de análise e intervenção. Essa combinação de abordagens também contribuiria para fortalecer o processo de ensino e aprendizagem, ao incentivar o envolvimento social como prática cidadã e promover reflexões conectadas à realidade dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **Cartografia Social e Dinâmicas Territoriais**: marcos para o debate. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010. 225 p.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Conhecimentos tradicionais: "Uma nova agenda de temas e problemas. Conflitos entre o poder das normas e a força das mobilizações pelos direitos territoriais". *In*: [ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; DOURADO, Sheilla Borges; MENEZES, Elieyd Sousa de; FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida; NAKAZONO, Erika; BARAÚNA, Gláucia Maria Quintino (org.)]. **Cadernos de debates - Nova Cartografia Social**: conhecimentos tradicionais no Pan-Amazônia. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UEA Edições, 2010. p. 9-17.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. *In*: [ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida (org.)]. **Povos e Comunidades Tradicionais – Nova cartografia social**: Livros, mapas, catálogo, fascículos, simpósios e vídeos. Manaus: UEA Edições, 2013. p. 156-173.

ARAÚJO, Viviane Gomes de; CARPI JUNIOR, Salvador; OLIVEIRA, Regina Célia. Mapeamento ambiental participativo na Ponta Norte do município de Ilha Comprida, SP: riscos e vulnerabilidades ambientais percebidos pela população local. *In*: [SOUTO, Raquel Dezidério; MENEZES, Paulo Márcio Leal de; FERNANDES, Manoel do Couto (org.)]. **Mapeamento Participativo e Cartografia Social**: aspectos conceituais e trajetórias de pesquisa. Rio de Janeiro: Instituto Virtual para o Desenvolvimento Sustentável, 2021. p. 146-167.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. *In*: [CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHAFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André (org.)]. **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 57-63.

CONCEIÇÃO, Renaildo Santos da; OLIVEIRA, Edvaldo; CARVALHO, Tatiane de Oliveira; BARBOSA, Lucas Libarino. Leitura de cartas topográficas e ensino de Geografia: instrumento para o conhecimento espacial do aluno. *In*: [SEABRA, Giovanni (org.)]. **Terra**: Políticas Públicas e Cidadania. 1. ed. Ituiutaba: Barlavento, 2019. p. 1241-1251.

CUNHA, Caio Cezar; ANTONELLO, Ideni Terezinha. "Cartografia Social para o Planejamento Sustentável em Áreas Socialmente Vulneráveis". **Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes**, [S.l.], v. 12, n. 35, p.100-109, 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 96 p.

DUARTE, Paulo Araújo. **Fundamentos de Cartografia**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. 208 p.

FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime. **Cartografia**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013. 176 p.

GARCIA, Natalí Abreu; FRANZATO, Carlo. Cartography: mapping and producing existential and relational territories. *In*: ENSUS 2024 - XII ENCONTRO DE SUSTENTABILIDADE EM PROJETO, 2024. **Anais do ENSUS 2024 - XII Encontro de Sustentabilidade em Projeto**, p.1395-1402, 2024.

GEHL, Jan. **Life between buildings: using public space**. Copenhagen: The Danish Architectural Press, 2006.

GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. "Cartografia Social e Geografia Escolar: Aproximações e Possibilidades". **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p.97-110, 2017.

HARLEY, John Brian. Cartes, savoir et pouvoir. *In*: [GOULD, Peter; BAILLY, Antoine (ed.)]. **Le pouvoir des cartes: Brian Harley et la cartographie**. Paris: Economica, 1995. p. 18-58.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KUHNEN, Ariane; HIGUCHI, Maria Inês. Percepção ambiental. *In*: [CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice]. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 250-266.

LACERDA, Norma. Fragmentação e integração movimentos de (re)estruturação espacial das metrópoles brasileiras. *In*: [RIBEIRO, Ana Clara Torres; LIMONAD, Ester; GUSMÃO, Paulo Pereira de (org.)]. **Desafios ao Planejamento: produção da metrópole e questões ambientais**. 2. impressão. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. p. 21-42.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2005.

LIBERMAN, Flávia; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. "Um corpo de cartógrafo". **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 52, p.183-194, 2015.

MACEDO, Silvio Soares. "Espaços Livres". **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 7, p. 15-56, jun. 1995.

MENEGUETTE, Arlete Aparecida Correia. "Cartografia no Século 21: revisitando conceitos e Definições". **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 6, n. 1, 2012.

ROCHA, Eduardo; CLASEN, Carolina Mesquita; DI FELICE, Emanuela; RESENDE, Lorena Maia; DETONI, Luana Pavan; PONS, Antonella dos Santos; HYPOLITO, Bárbara de Bárbara;

FALCÃO, Magalhães Carolina; ALLEMAND, Débora Souto; ENCARNAÇÃO, Fabrício Sanz; TOMIELLO, Fernanda; ESCUDERO, Hayde Beatriz; TETAMANTI, Juan Manuel Diez; BARROS, Rafaela de Pinho; DA SILVA, Talita Correa Vieira. "Cartografias sensíveis na cidade: experiência e resistência no espaço público da região sul do RS". **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 1, n. 3, dez. 2017.

REZENDE, Lorena Maia; ROCHA, Eduardo. **Cartografia Urbana Sensível: Uma experiência na fronteira Brasil-Uruguay**. Penha: Editora Caseira, 2016. Disponível em: <https://editoracaseira.com/photographeinnafronteirabr-uy/publicacao/lorenaeduardo/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ROLIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS, 2011. 247 p.

SILVA, Adriano Lucena da; GALDINO, Lúcio Keury Almeida. "Ensino de Geografia: a Cartografia Social como ferramenta ao processo de ensino e aprendizagem". **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 1, n. 106, p. 63–77, 2022.

Souto, Raquel Dezidério. Mapeamento e Participação. *In*: [SOUTO, Raquel Dezidério; MENEZES, Paulo Márcio Leal de; FERNANDES, Manoel do Couto (org.)]. **Mapeamento Participativo e Cartografia Social: aspectos conceituais e trajetórias de pesquisa**. Rio de Janeiro: Instituto Virtual para o Desenvolvimento Sustentável, 2021. p. 15-29.

SANTOS, Dorival dos. "Cartografia social: O estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da Geografia". **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 2, n. 6, p. 273–293, 2017.

TENÓRIO, Gabriela de Souza. **Ao desocupado em cima da ponte: Brasília, arquitetura e vida pública**. 2012. 391 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.